

# Segundo amigos, ex-diretora ainda tem muito a dizer

*Pessoas ligadas a Regina Borges garantem que ela não revelou tudo o que sabia sobre a violação*

SÍLVIA FARIA

**B**RASÍLIA — A ex-diretora do Prodasen, Regina Célia Borges, não disse tudo o que sabia em seu depoimento ao Conselho de Ética do Senado, no qual responsabilizou os senadores José Roberto Arruda (PSDB-DF) e Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) pela violação do painel de votação. Aconselhada por amigos e profissionais, ela guardou trunfos para comprovar tudo que disse, ciente de que enfrentará tentativas de desqualificação de suas informações.

Regina preparou-se principalmente para rebater o assessor de Arruda, Domingos Lamoglia, a quem garante ter entregue a lista da votação retirada de forma fraudulenta do painel eletrônico. Lamoglia testemunhou vários encontros da ex-diretora e Arruda, em que o assunto foi tratado. Mas, pressionado pelo chefe, ao qual devota fidelidade por anos de trabalho, ele divulgou nota desmentindo o recebimento da lista, na quarta-feira. Na quinta, no entanto, não teve condições de fazer o mesmo, em depoimento cancelado junto à corregedoria do Senado. “A Regina, como ela mesma disse, não é idiota. Ela é sensata e estrategista e se preparou para o que vai enfrentar”, disse um amigo da ex-diretora. “Ela tem provas do que está dizendo.”

Esse amigo não quis adiantar quais trunfos a ex-diretora teria. Ele insinuou que podem ser detalhes ocorridos durante os encontros com Arruda nos quais Lamoglia esteve presente, como diálogos telefônicos com terceiros. A princípio, Regina disse a amigos que conta com a “decência” do assessor de Arruda. Pela percepção que teve de seu caráter, durante os contatos sobre a fraude do painel, a ex-diretora acredita que, como ela, ele não terá condições éticas de mentir.

Além de Domingos, Regina conta com testemunho do marido, Ivar Ferreira, e suas próprias memórias dos fatos. Ivar levou a esposa para um encontro com Arruda em frente a uma igreja no Lago Sul e ficou aguardando seu retorno de uma volta no carro do senador. Ele também esteve no apartamento de Arruda, quando este pediu informações técnicas que ela não sabia dar sobre o sistema de informática. Além de Ivar, o colega Heitor Ledur pode confirmar fatos ocorridos na noite do dia 27 de junho de 2000, quando Arruda pediu a violação do painel, em nome de ACM.

Apesar de não ter encontrado o senador nem ACM, Ledur — o primeiro a confessar a violação à comissão de sindicância do Senado — vivenciou o estado emocional de Regina naquela noite, quando discutiram o cumprimento da ordem de Arruda. Também o funcionário do Prodasen Hermilo Nóbrega esteve com o grupo naquela noite e ficou sabendo do pedido.

A quebra do sigilo telefônico da ex-diretora também pode comprovar os vários contatos com ACM, Arruda e Lamoglia, lembra um senador do Conselho de Ética. Mesmo que a central telefônica do Senado não permita identificar os ramais de onde partiram as ligações, vários telefonemas foram dados de residências, inclusive o que marcou o encontro de Regina e ACM na casa da assessora do senador baiano, Isabel Flecha de Lima.

Segundo um policial federal da área de inteligência, ainda que o sigilo telefônico quebrado seja apenas o de Regina, por enquanto é possível identificar o número dos telefones que fizeram chamadas para ela.